



METODOLOGIA ATIVA: CONTRIBUIÇÕES DE 6º E 7º ANOS

Claudiane Beatriz Ely ¹
Janis Moreira de Freitas ²

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca entender a transição do paradigma do pensamento tradicional, para o paradigma da complexidade, para descrever o novo momento educacional em que vivemos, e fertiliza o surgimento de novas propostas metodológicas. Num primeiro momento trata de estabelecer os padrões dos paradigmas mais recentes da história da sociedade científica e educacional, contextualizando-os e buscando compreender a sustentação do novo paradigma educacional que é o “aprender a aprender”. Em seguida passa a descrever o que são as metodologias ativas, como podem ser aplicadas, quais suas pretensões e fundamentos.

Por fim, é apresentada a pesquisa realizada com escolares de 6º e 7º anos, de uma escola pública do Rio Grande do Sul, nas aulas de Ensino Religioso no ano de 2018, aplicando a metodologia ativa e a metodologia tradicional, no que podemos quase nomear de “laboratório pedagógico” objetivando buscar subsídios práticos que evidenciam a eficácia do método ativo, se de fato desenvolve o que propõe, dando críticas a ela a partir de quem a vivenciou, não pelos olhos docentes mas pelos olhos discentes que são os verdadeiros protagonistas no processo de aprender a aprender. Assim, o problema consistiu em responder quais as características da metodologia ativa e da metodologia tradicional que fazem com que os educandos gostem delas ou não e quais os problemas que identificam em cada uma.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo inserida no paradigma pós-positivista, de abordagem qualitativa com objetivos que a classificam como de ordem descritiva contando com um questionário impresso, com perguntas abertas e fechadas, aplicado aos estudantes de 6º e 7º anos, de uma escola do Rio Grande do Sul, após participarem das aulas de Ensino Religioso

¹Mestranda pelo Curso de Educação da Universidad de La Empresa - UDE, fisikla@gmail.com;

²Graduanda pelo Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul - UCS, jmfreitas@ucs.br;



com aplicação inicial da metodologia ativa no 1º trimestre e da metodologia tradicional no 2º trimestre.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade na qual se vive é fruto de um longo processo histórico influenciado pelas mudanças paradigmáticas da ciência. A palavra paradigma tem sua origem do grego *pará dei* que significa modelo ou padrão (VASCONCELLOS, 2002).

O que se pretende analisar aqui é a mudança paradigmática que vem se instaurando no campo educacional no período pós-moderno, partindo de um paradigma tradicional para a complexidade da sociedade. O paradigma tradicional levou a fragmentação do conhecimento e a supervalorização da visão racional para atender a coerência lógica nas teorias e a eliminação da imprecisão, da ambiguidade e da contradição dos discursos científicos. A fragmentação atingiu as Ciências e, por consequência, a Educação, dividindo o conhecimento em áreas, cursos e disciplinas, chegando às instituições educacionais que passaram a ser organizadas em departamentos.

Segundo Behrens (2005), o aluno passou a ser mero espectador, copista, memorizador e reproduzidor dos conteúdos. Seus conhecimentos prévios não são observados e dificilmente são proporcionadas atividades que envolvam a criação. Considerado como um ser subserviente, obediente e destituído de qualquer forma de expressão, o aluno é reduzido ao espaço de sua carteira, silenciando sua fala, impedido de expressar suas ideias. A desumanização reproduz-se nos currículos lineares e reducionistas, divididos em diversas matérias. O professor, considerado “o dono do saber” assume a função de transmitir o conhecimento além de reprimir e punir os “erros”. A concepção de vida em sociedade passa a ser pautada pela competitividade, isolamento, individualismo e materialismo desenfreado.

No início do século XX o paradigma tradicional começa a ser questionado quando o modelo linear científico de causa-efeito proposto pela Física mostrou-se insuficiente para lidar com as contradições, desordem e incerteza por ela mesma criadas. (MORAES, 1997)

Instaura-se o paradigma emergente ou da complexidade adotando a visão do ser complexo e integral. Vasconcellos (2002) denomina a complexidade como um Pensamento Sistêmico novo-paradigmático que pode ser refletido em pelo menos três pressupostos epistemológicos: o da complexidade (percebendo interconexões), da instabilidade (ciência inacabada) e da intersubjetividade (conhecimentos múltiplos).



O paradigma da complexidade propõe uma visão de homem indiviso, que participa da construção do conhecimento não só pelo uso da razão, mas também, aliando a subjetividade das emoções, sentimentos e intuições, tornando urgente que as estruturas do funcionamento educacional incluam o uso dos conceitos de inter, pluri e transdisciplinar, exigindo um grau máximo de relações entre as disciplinas e uma visão de integração global.

Na Educação, o resgate pleno do ser humano implica na expressão de novas formas de solidariedade e cooperação nas relações humanas, sendo necessário contemplar uma proposta pedagógica, que reconheça a diversidade do indivíduo com multidimensionalidades, numa sociedade cada vez mais complexa, em que os sujeitos querem ser quem escolhem ser. Desse modo, para assegurar as aprendizagens torna-se necessário buscar uma inovação metodológica de acordo com os novos tempos.

A metodologia ativa tem aproximação com a corrente teórica interacionista que atribui ao professor a tarefa de propiciar um ambiente facilitador para a construção de conhecimento e de aprendizagens. Lev Vigostki, concebe perspectiva social ao interacionismo, com o entendimento de que os processos de desenvolvimento ocorrem de duas maneiras:

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes, primeiro no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para memória lógica e para formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOSTKI, 2007, p. 57-58, grifo do autor)

Tais reflexões corroboram à metodologia ativa, ao passo compreendem o processo de aprendizagem como resultante também da interação, e ainda contrapõe aprendizagem e desenvolvimento, como processos diferentes, em controverso à metodologia tradicional que entende que a decodificação de palavras e resolução de operações matemáticas está de maneira intrínseca entrelaçada ao desenvolvimento, entendendo esta fase como desenvolvimento completo. Todavia, o domínio inicial das quatro operações aritméticas, na perspectiva da metodologia ativa, serve de subsídio para o desenvolvimento subsequente aos demais processos internos e complexos para o pensamento de uma criança. (VIGOTSKI, 2007, p. 103-104)

Nesse sentido, o aprendizado organizado resulta no desenvolvimento mental, portanto o aprendizado é de extrema necessidade para o desenvolvimento de funções psicológicas e culturais, algo que acontece e resulta da interação, e para Freire também do diálogo, desafios intelectuais e problematizações, momentos fundamentais à metodologia ativa:

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser



transformado e humanizado não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro nem tampouco, tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2013, p.109)

Em vista disso, a metodologia ativa, por constituir um ambiente dialogado e interacionista fomenta autonomia, justaposta, ao desenvolvimento intrapessoal, ainda, cabe a metodologia ativa a promoção da criatividade no cotidiano escolar, sob ponto de vista de que ensino tradicional necessita se alterar e passar a ser um ensino criativo, ainda, de que os educadores usem seu potencial criativo em suas aulas, consolidando a prática da criatividade também aos discentes. A criatividade em âmbito educacional provém também, da interação entre os pensamentos pessoais e o contexto sócio cultural, sendo, portanto, sistêmica e não individual. Com isso, a criatividade é pertinente constituinte do método ativo. (OLIVEIRA E ALENCAR, 2008 p. 304).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação do questionário pode-se realizar algumas observações interessantes quanto ao sentido que a metodologia ativa toma nas relações de aprendizagem e de socialização dos educandos.

Já na primeira pergunta identificou-se que 27 dos 39 que responderam ao questionário preferem aulas com a metodologia ativa e os demais 12 preferem a metodologia tradicional.

Quanto aos aspectos que ficaram evidentes em cada metodologia sobressaiu-se a criatividade e interação com os colegas (25), exposição de ideias e facilidade em aprender (24), atingir o objetivo das aulas (18), motivação para participar das aulas (17), comprometimento dos colegas (14).

Enquanto isso na metodologia tradicional os aspectos que sobressaíram foram a facilidade em aprender e atingir o objetivo da aula (24). Nota-se que os educandos sentem que nesta metodologia atingem melhor os objetivos propostos, talvez pela visão ainda ultrapassada de que aula é apenas quando se escreve algo. Quanto à facilidade em aprender 34 assinalaram ter mais facilidade com a metodologia tradicional, sendo que 10 desses afirmaram só ter facilidade com essa. E 27 afirmaram ter facilidade em aprender com a metodologia ativa, sendo que desses 3 assinalaram só ter facilidade nessa, 2 não marcaram nem uma nem outra.

Temos um dado interessante que indica que a maioria quase unanime deles julgam ter facilidade em aprender com a metodologia tradicional (34/39), desses quais a maioria tem facilidade nas



duas metodologias (24/34) e pouquíssimos tem facilidade em aprender somente com a metodologia ativa (3/39) o que aumenta para a metodologia tradicional (10/39). Porém, na primeira questão fica evidente que a maioria deles chegando a quase dois terços (27/39) preferem ter aulas com a metodologia ativa.

Quanto aos problemas encontrados na metodologia tradicional, apenas 7 dos 39 não relataram alguma reclamação, já a maior reivindicação foi não gostarem de copiar textos do quadro ou ficar sentados (11/32) e não haver interação com os colegas (5/32). Em números reduzidos outras reivindicações também apareceram, como: colegas não copiam (2) e pessoas conversando e levantando (2).

Para a metodologia ativa 13 dos 39 estudantes não tiveram problemas ou algo que não gostaram. A maior reivindicação esteve na falta de comprometimento/responsabilidade dos colegas que faltaram ou não quiseram fazer (7/14).

As duas perguntas subsequentes fizeram referência exatamente a o quê sentiram nas diferentes aulas da metodologia ativa. Os sentimentos bons sobressaem-se aos ruins e se agrupássemos teríamos 43 sentimentos bons e 11 ruins.

Já nos sentimentos relativos às aulas de metodologia tradicional foram identificados como mais significativos, de forma agrupada, 16 sentimentos ruins e 20 bons, porém teríamos que considerar uma terceira categoria de sentimentos neutros para enquadrar as expressões tranquilo, mais ou menos, pensativo, nada/normal. Assim, o sentimento de insatisfação desta metodologia quando comparada à metodologia ativa é muito elevado.

Por fim, foi solicitado aos estudantes que sugerissem alguma atividade que gostariam de realizar nas aulas de Ensino Religioso, às quais fogem das aulas tradicionais e com planejamento podem facilmente ser contempladas pela metodologia ativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos concluir, após esse cruzamento de dados significativos, é que a aprendizagem acontece de fato nas duas metodologias, porém, com maior entusiasmo quando se trata da metodologia ativa, desta maneira aprender pode se tornar algo prazeroso sim, e muito mais atraente aos olhos e vivências dos educandos.

Vimos que apesar de a maioria considerar ter facilidade em aprender com a metodologia tradicional, abrem mão dela para ter uma aprendizagem mais participativa, em que possam interagir com os colegas, trocar experiências e expor seus pontos de vista. Tudo para ter um



ambiente mais tranquilo, sem a cobrança do resultado imediato da cópia e da prova, e uma aprendizagem mais prazerosa.

Palavras-chave: Metodologia ativa; Metodologia tradicional; Paradigmas educacionais.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 16. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MORAES, Maria Cândida. A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p.13-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4141/4054>>. Acesso em 06 de out. 2018.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/200-204-Coisas-que-todo-professor-de-portugu%C3%AAs-precisa-saber.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

OLIVEIRA, Zelia Maria Freire de; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. A CRIATIVIDADE FAZ A DIFERENÇA NA ESCOLA: o professor e o ambiente criativos. **Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 295-306, mai./ago. 2008. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/954/810>. Acesso em: 01 ago. 2020.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento sistêmico: novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.